



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Mislene Richartz

**APRENDER BRINCANDO: A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS**

Florianópolis

2014

Mislene Richartz

**APRENDER BRINCANDO: A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial para obtenção de
grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Titton

Florianópolis

2014

Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao meu orientador, professor Mauro Titton, que me orientou durante o semestre para a produção do trabalho de conclusão de curso. Além disso, agradeço os professores que fizeram parte desta minha trajetória e me ensinaram sobre a educação e a prática pedagógica com crianças.

Agradeço às minhas colegas que estiveram comigo durante o curso de Pedagogia passando por diferentes momentos e estando ao meu lado. Agradeço à minha família por me apoiar durante essa trajetória que por muitas vezes trouxe momentos de angústia e desespero.

Agradeço aos meus filhos Vítor e Luísa por deixarem a minha vida mais alegre e fazer dessa trajetória algo mais desejado a ser alcançado. Por fim, agradeço as crianças com quem eu realizei meus estágios obrigatórios e me ensinaram, na prática, o que é ser professor.

*"As crianças não brincam de brincar,
brincam de verdade"*

Mario Quintana

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado de um levantamento bibliográfico de autores que abordam o tema brincadeira, desenvolvimento e aprendizagem. O trabalho teve como objetivo compreender o porquê, geralmente, a brincadeira está associada a momentos de lazer e ócio e se através da brincadeira é possível haver aprendizagens e desenvolvimento das crianças. Após a realização da pesquisa conclui-se que a brincadeira deve estar inserida no contexto educacional da criança não como momento de ócio, mas como momento que possibilite que as crianças aprendam e se desenvolvam. Além disso, conclui-se que a brincadeira é fundamental para que a criança interaja com o outro e com o mundo onde vive e, para isso, inserida no contexto educacional deve haver a mediação do professor e/ou a atenção do mesmo para as suas brincadeiras individuais.

Palavras - chave: Brincadeira; Aprendizagem; Criança; Desenvolvimento; Ensino

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
1.1 Problematização e Metodologia	09
1.2 Objetivos: Geral e Específico	10
2. DEFININDO CONCEITOS: BRINCADEIRAS, BRINQUEDO E JOGO	11
2.1 . Considerações sobre o brincar e a brincadeira no desenvolvimento humano ũ	15
2.2 . O Desenvolvimento através da brincadeira ũ	17
3. O PAPEL DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO E NA PROMOÇÃO DAS BRINCADEIRAS	20
4. TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E A PRESENÇA (OU NÃO) DA BRINCADEIRA	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho surge da necessidade de compreender o papel da brincadeira no desenvolvimento das crianças. Partindo do pressuposto que a brincadeira, muitas vezes, está relacionada diretamente com o simples prazer ou lazer e descarta qualquer tipo de intencionalidade dirigida ao aprendizado e ao desenvolvimento, tornou-se instigante pesquisar acerca da importância da brincadeira estar presente no cotidiano escolar da vida das crianças como forma de aprendizado e desenvolvimento das mesmas. Mudado (2008, p.22), ao apontar indícios de como os profissionais da educação devem agir, afirma que:

devemos como educadores, explorar esse universo lúdico, criando brinquedos junto com os nossos alunos, promovendo jogos, campeonato de jogos de tabuleiro, buscando as motivações próprias de cada etapa do desenvolvimento pessoal do aluno, para extrair do jogo seu potencial positivo de socialização pelo estímulo às interações não competitivas e colaborativas que promovam o desenvolvimento psíquico e formem personalidades capazes de fazer frente aos imensos desafios ecológicos, econômicos, sociais e políticos de uma espécie que, ao ignorar sua condição de vulnerabilidade, desconhece que ela própria corre o risco de extinção.

Num primeiro momento, se faz necessário uma breve apresentação sobre o brincar, assim como o brinquedo, buscando identificar os elementos centrais que permitem planejar as atividades escolares visando o aprendizado e desenvolvimento baseados no brinquedo, uma vez que este propicia às crianças representações, permitindo que as mesmas atribuam diferentes sentidos para um mesmo brinquedo. Além da brincadeira e dos brinquedos, traz-se o jogo como sinônimo de brincadeira e aponta-se para a sua importância. A brincadeira para as crianças é uma ferramenta em que é possível adentrar em um mundo imaginário; ela "[...] serve para resolver algumas de suas necessidades diante da urgência porque é tomada por seus desejos [...]" (MUDADO, 2008, p.21).

Esta pesquisa, que foi desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, objetiva também demonstrar a relevância de a brincadeira estar inserida na vida das crianças no contexto educacional. A brincadeira pode ser considerada uma característica da infância, pois, conforme Castro e Gomes (2010, s/p) "no brincar inserem-se importantes funções, capazes de auxiliar a criança no

desenvolvimento, na aprendizagem e na interação com o meio, sendo considerada uma característica do comportamento infantil [...]"

Buscou-se conceitualizar a brincadeira e o brincar, e indicar pontos significativos para a compreensão de que a brincadeira deve estar presente no contexto escolar como propícia à aprendizagem e ao desenvolvimento. Considera-se que a transição da educação infantil para o ensino fundamental acaba fazendo com que os momentos e espaços de brincadeiras diminuam consideravelmente. Carmo e Marcondes (2011, p.4444) consideram que "[...] o espaço do brincar dentro do ambiente de ensino fundamental continua a ser caracterizado por momentos pontuais, normalmente relacionados às aulas de educação física, recreio ou tempo de espera [...]". A brincadeira sai e vai deixando espaço para o estudo e a formação, em discursos comuns, muito se ouve falar `agora não está na hora de brincar_, assim, tornou-se instigante pesquisar qual o espaço e o momento no ensino fundamental em que a brincadeira está presente, já que `quando brincam, as crianças desenvolvem sua imaginação e, ao mesmo tempo, também podem construir relações reais de organização e convivência_ (FANTIN, 2000, p.86).

A presente pesquisa busca sistematizar estudos acerca da importância do brincar na vida da criança como ferramenta que possibilita a ela desenvolver-se e aprender. Concordando com os autores Carmo e Marcondes (2011, p.4436) o brincar acaba se tornando "[...] marginalizado no espaço escolar, tão pontuado pelas metas de produtividade, eficiência e controle.". Assim, parece que, cada vez mais, o brincar vem sendo vinculado no imaginário dos professores e do público em geral a momentos de prazer, de falta daquilo que é considerado "produtivo".

Procura ainda sinalizar a importância que o brincar exerce na vida da criança, não só em momentos de tempo livre, mas, também, em momentos de aprendizagem e ambientes escolares. Além disso, fornece indícios de qual o momento e espaço vem sendo destinado às brincadeiras no ensino fundamental, conceitualiza jogo, brinquedo e brincadeira e, posteriormente, após uma fundamentação teórica, apresenta qual a importância do brincar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

Compreendendo que a brincadeira é fundamental no desenvolvimento das crianças e que possibilita diferentes tipos de aprendizagens, surge a inquietação de compreender, também, como a brincadeira está inserida no contexto escolar, apontando brevemente, o que se pode notar nos campos de estágio obrigatório. Para tanto a pesquisa foi realizada por meio de um estudo bibliográfico com intuito de embasar os

estudos sobre a brincadeira. Por fim, tornou-se necessário sistematizar estudos sobre qual o papel do professor e sua intenção e intervenção na educação. Será que as brincadeiras devem ser intencionais? O professor deve intervir em alguns momentos? Deve criar espaços que possibilitem a brincadeira? Essas são algumas questões que permeiam o tema da presente pesquisa.

Fez-se necessário um aprofundamento teórico, a partir de autores, tais como Fantin (2000, p.88) que considera: "[...] que o brincar, apesar de ter a característica da espontaneidade, não surge de maneira espontânea, pois ele é uma aprendizagem a partir das interações sociais [...]". A brincadeira pode ser considerada fundamental no desenvolvimento das crianças, na medida em que propicia experiências significativas para que elas se compreendam enquanto sujeitos e criam sua própria identidade. Através da brincadeira é possível imaginar, fazer troca de papéis, criar, conhecer seus limites, assim como conhecer regras, reconhecer o outro enquanto sujeito e expor e entender seus sentimentos. Ao imaginar, a criança trabalha a sua memória das vivências já ocorridas e, conforme, Otto (2012, p. 75) "[...] a memória é elemento essencial, na medida em que a lembrança envolve sujeitos e espaços diferentes, envolve, inclusive, lembranças de outras pessoas. É um processo individual e coletivo".

1.1. Problematização e Metodologia

A problemática levantada no presente trabalho de conclusão de curso se deu a partir de alguns questionamentos elaborados por mim durante o curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina. Questionamentos como: será que a brincadeira possibilita aprendizagens às crianças? E se possibilita, porque a brincadeira ainda é vista como atividade destinada ao tempo livre e lazer?

A brincadeira é definida por Castro e Gomes (2010, s/p) como "essencial às crianças [...] que tem um potencial de desenvolvimento natural, além de constituir auxílio na formação infantil, nas esferas emocional, intelectual, social, volitiva e física".

Durante o curso muito se discutiu sobre a presença da brincadeira como possibilitadora de aprendizagens e desenvolvimentos. Ao remeter-me ao senso comum, percebo que a brincadeira muitas vezes é vista como atividade sem sentido, destinada as horas vagas e a momentos de lazer. Algumas falas cotidianas, até mesmo em meu contexto familiar, passaram a me fazer prestar mais atenção e refletir sobre o benefício dessa atividade: "Você acha que estou de brincadeira?"; "Agora não é hora de brincar".

Essas frases são algumas que se escuta no senso comum e que remetem a brincadeira como atividade sem sentido, assim, procurei realizar o meu trabalho sobre tal tema.

Procurando compreender a importância da brincadeira no desenvolvimento das crianças e de que maneira ela deve (e se deve) estar inserida no contexto educacional, utilizei como metodologia a revisão bibliográfica de autores que abordam o tema brincadeira, desenvolvimento e aprendizagem. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de autores trabalhados nas disciplinas presentes no currículo do Curso que abordaram a temática da brincadeira.

1.2. Objetivos: Geral e Específico

Alguns objetivos foram levantados inicialmente a fim de fundamentar a pesquisa; são eles:

Objetivo Geral: compreender qual a importância do brincar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, especialmente no contexto educacional.

Objetivo Específico:

- Realizar um levantamento bibliográfico de autores que dialogam sobre a brincadeira e o desenvolvimento das crianças;
- Compreender qual a importância do brincar;
- Compreender a importância da brincadeira no cotidiano escolar das crianças;
- Analisar se a brincadeira deve estar presente ou não no cotidiano escolar e de que maneira;
- Compreender qual o papel do professor na mediação das brincadeiras;
- Analisar qual o espaço destinado para as brincadeiras no ensino fundamental.

2. DEFININDO CONCEITOS: Brincadeira, Brinquedo e Jogo.

A brincadeira é uma atividade presente na vida das crianças. Entretanto, no senso comum, nota-se com frequência que ela é entendida como uma atividade destinada à momentos de lazer. Além disso, ao pensar em brincadeira logo remete-se a algo prazeroso à criança. Assim, raramente se considera que a brincadeira não é sempre prazerosa para quem brinca.

A brincadeira é compreendida vulgarmente como satisfação, encontrada em momentos de tempo livre. Entretanto, Maranhão (2003, p.33) apresenta os estudos Vigotskianos que consideram que a brincadeira nem sempre é algo prazeroso para a criança:

Vygotsky ensina sobre a brincadeira, no desenvolvimento da criança, dizendo que brincar nem sempre é algo prazeroso. Segundo ele, existem outras coisas que dão mais satisfação à criança. O ato de ganhar ou perder no final, podem ser extremamente desagradáveis para elas (MARANHÃO, 2003, p.33).

Nesse sentido, o autor citado por Maranhão considera que não se pode compreender a brincadeira como algo que apenas possibilita o prazer e a diversão e afirma que:

Definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer à criança é incorreto por duas razões. Primeiro, muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas do que o brinquedo, como, por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não sacie. E, segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como, por exemplo, predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante. (Vygotsky, 1998, p.121)

Conforme Brougère (1995, p.11) o brinquedo “[...] é marcado, de fato, pelo domínio do valor simbólico sobre a função ou, para ser mais fiel ao que ele é, a dimensão simbólica torna-se, nele, a função principal”. O brinquedo pode ser definido como o objeto produzido para a brincadeira, uma reprodução da realidade cultural, entretanto, o brinquedo, assim como qualquer outro objeto, recebe diferentes atribuições e significados nas brincadeiras das crianças.

Cabe ressaltar que ao manipular um objeto e ressignificá-lo para a brincadeira, a criança está atribuindo novos significados ao objeto, e assim, utiliza sua imaginação e conhecimento acerca de suas vivências e conhecimentos. Brougère (1995, p.40) considera que há, socialmente, diversas fontes das quais a criança se apropria de imagens e representações, afirmando que `o brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes_.

Se ele traz para a criança um suporte de ação, de manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe, também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados. Por isso, parece útil considerar o brinquedo não somente a partir de sua dimensão funcional, mas, também, a partir daquilo que podemos denominar sua dimensão simbólica (BROUGÈRE, 1995, p.40-41).

O jogo e a brincadeira são considerados por diversos autores como sinônimos, na medida em que utilizam ambos os conceitos para definir uma mesma significação. Kishimoto (2001, p.13) considera que `tentar definir o jogo não é tarefa fácil. Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente_. A autora ainda afirma que `[...] enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra por que, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas_ (KISHIMOTO, 2001, p.17). Além disso, como afirma Castro e Gomes (2010, s/p):

O jogo permite a integração do esquema corporal. A criança, ao executar diferentes jogos, vai conhecendo seu próprio corpo e também o dos demais, e assim progressivamente vai acomodando sua imagem corporal, e, portanto, seu esquema corporal.

O jogo e a brincadeira possibilitam às crianças situações de satisfação, mas também de desconforto, considerando que nem sempre a brincadeira será satisfatória a todas as crianças envolvidas. `As crianças são capazes de lidar com complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda. Lutam com conceitos de bom e mal_ (BOMTEMPO, 2001, p.67).

Não se pode desconsiderar que a brincadeira tem uma ligação com a satisfação, que muitas vezes é o objetivo inicial imediato, entretanto, como afirma Vygotsky (2008, p.32)

[...] a criança age na brincadeira pela linha da menor resistência, ou seja, ela faz o que mais deseja, pois a brincadeira está ligada à satisfação. Ao mesmo tempo, aprende a agir pela linha de maior resistência: submetendo-se às regras, as crianças recusam aquilo que desejam, pois a submissão às regras e a recusa à ação impulsiva imediata, na brincadeira, é o caminho para a satisfação máxima.

Considera-se que através da brincadeira, a criança imagina e exerce a troca de papéis, faz representação do real e, com a utilização de objetos, atribui novos sentidos e significados à eles. Além disso, aprende a enxergar e respeitar o outro enquanto sujeito, aprende as regras e seu posicionamento diante delas. É com a brincadeira que a criança reproduz a realidade; ao brincar de papai e mamãe, por exemplo, imita seu cotidiano (MARANHÃO, 2003, p.35).

É importante destacarmos a importância do jogo no desenvolvimento da linguagem, que surge inicialmente como meio de comunicação entre a criança e as pessoas de seu meio sócio-cultural, e aos poucos vai se convertendo em linguagem interna, contribuindo assim, para organizar o pensamento da criança, transformando-se em função mental. Pelo jogo a criança aprende, verbaliza, comunica-se com pessoas que têm mais conhecimentos, internaliza novos comportamentos e, conseqüentemente, se desenvolve (CASTRO; GOMES, 2010, s/p).

A brincadeira e o jogo devem, então, estar inseridos no contexto escolar frequentemente já que possibilitam diferentes experiências como, por exemplo: o desenvolvimento da linguagem, capacidade motora, socialização e interação com o outro, conhecimento do meio onde vive e, também a capacidade de imaginar, que, segundo Girardello (2011, s/p):

[...] é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto - comove-se - com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita.

Autores como Brougère (1995, p.13) afirmam que [...] o que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando de seu uso habitual os objetos que cercam a criança; além do mais, é uma atividade livre, que não pode ser delimitada. Através da brincadeira a criança dá novos sentidos aos objetos que utilizam como suporte; criam e imaginam de maneira a representar, muitas vezes, suas

próprias vivências. A brincadeira, então, se torna fundamental na vida das crianças, à medida que [...] na escola devem ter como pressuposto o múltiplo aspecto de, além da brincadeira em si, servir ao desenvolvimento da criança, à construção de conhecimentos e ao resgate da cultura_ (FANTIN, 2000, p.77).

Fantin (2000, p.72) ainda considera que "assim como a poesia, os jogos e as brincadeiras infantis também despertam em nós o imaginário, a memória dos tempos passados, e essa memória, como vimos, também é mediada por inúmeras questões". Dessa forma, é importante considerar a brincadeira como atividade fundamental na vida das crianças e, também, como suporte pedagógico para desenvolver experiências que propiciem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Quando a criança imagina, evoca memórias de sua própria vivência e de sua cultura. A importância de trabalhar com a memória das crianças e de suas vivências consiste em fazer com que elas se reconheçam enquanto sujeitos presentes num determinado espaço e momento.

A memória é a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas. É elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família (DELGADO, 2006, p.38).

Além da imaginação, a brincadeira possibilita outras experiências, tais como, o conhecimento de regras, o respeito ao outro enquanto sujeito, aprendizagens de conceitos, faz de conta, etc. Khishimoto (2001, p.23) considera que o jogo não é só prazer, não é carregado apenas de bons sentimentos; [...] há casos em que o desprazer é o elemento que o caracteriza_. Entretanto, questiona-se se o desprazer também não é benéfico à aprendizagem das crianças, uma vez que possibilita o conhecimento de si próprio e de seus limites, além de reconhecer o outro e considerá-lo enquanto sujeito.

Vigotsky entende a brincadeira como uma atividade social da criança e através desta a criança adquire elementos imprescindíveis para a construção de sua personalidade e para compreender a realidade da qual faz parte. Ele apresenta a concepção da brincadeira como sendo um processo e uma atividade social infantil (MARANHÃO, 2003, p.30).

A brincadeira pode ser considerada como uma atividade presente na vida das crianças. Assim, ela deve ser concebida como atividade que propicia a aprendizagem e o desenvolvimento das mesmas. A brincadeira permite que as crianças se relacionem

com os outros e com o mundo em que vivem, além disso, através da brincadeira a criança está em constante contato com a cultura em que está inserida.

2.1. Considerações sobre o brincar e a brincadeira no desenvolvimento humano

No decorrer da pesquisa realizada considerou-se o desenvolvimento do homem e as características que o diferem dos animais, pois, considera-se fundamental entender como se dá o processo humanização e a sua relação com a educação. Posteriormente, aponta para como ocorre o desenvolvimento humano e a relação com o brincar. Ainda aponta-se a transição da educação infantil para o ensino fundamental como período em que a brincadeira se torna efetiva apenas em momentos de tempo livre, considerando erroneamente que através dela não se aprende.

No contexto educativo a prática de organização e estimulação dos jogos infantis é muito importante para as crianças conhecerem a realidade social circundante, mas os desejos infantis não permanecem inalterados durante a brincadeira, pois eles também se formam no desenvolvimento do jogo. Podemos fazer algo atrativo ou não para as crianças se formarmos o desejo da criança, se saturarmos de conteúdos significativos. E a possibilidade de formar desejos infantis, de dirigi-los, faz do jogo um poderoso meio educativo quando se introduzem nele temas que possuam importância para a educação (FANTIN, 2000, p.98).

A brincadeira deve estar presente durante todas as etapas da vida das crianças, e os profissionais que atuam na área da educação devem compreender que a brincadeira é uma atividade que propicia a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Além disso, a pesquisa ainda aponta para a necessidade da brincadeira como conteúdo e meio educacional, como momentos em que possibilitam experiências significativas à aprendizagem e ao desenvolvimento. E considera que a mediação do adulto é de extrema importância para o aprendizado e as trocas de conhecimento.

Relacionado ao desenvolvimento através da brincadeira, uma questão a ser respondida brevemente, por considerar fundamental para conhecer o desenvolvimento humano, é o que diferencia o homem do animal. Considera-se a influência do trabalho como responsável pelo desenvolvimento de manifestações humanas: fala, movimento

das mãos, possibilidade de se locomover da forma ereta, etc. Léontiev (1977, p. 49), ao abordar os aspectos de evolução do homem relacionados ao trabalho, considera que:

[...] o homem evolui sob a influência de duas espécies de leis: primeiramente as leis biológicas, em virtude das quais se operava a adaptação dos seus órgãos às condições e às exigências da produção; em segundo lugar, por intermédio destas primeiras leis, as leis sócio-históricas, que regem o desenvolvimento da produção e os fenômenos engendrados por ela.

O homem, então, se diferencia do animal por ser capaz de realizar atividades criativas e produtivas, sendo capaz de transformar a natureza de acordo com suas necessidades sociais e biológicas. O conhecimento vai passando de geração em geração, os mais novos acabam aprendendo com os mais velhos nas práticas diárias, assim, considera-se que para o homem se desenvolver como tal e conviver em sociedade é necessário o contato com o outro, o relacionar-se com o outro, caso contrário o homem se desenvolveria como um animal.

A convivência com o outro faz com que os indivíduos aprendam aquilo que as gerações passadas aprenderam e descobriram. Léontiev (1977 p.53-54) afirma que "[...] as aptidões e as propriedades que caracterizam o homem não são transmitidas como hereditariedade biológicas, mas são formadas ao longo da vida, pela assimilação da cultura criada pelas gerações precedentes".

O indivíduo se desenvolve para viver e conviver em uma determinada sociedade; aprende a tornar-se homem, e esse aprendizado se dá na relação com o outro. O aprendizado é permeado de conhecimentos adquiridos pelas gerações passadas. Léontiev (1977) dá como exemplo o uso de utensílios, afirmando que um macaco pode usar um pau como objeto para se alimentar-se, entretanto, a diferença deste para o homem, é que o homem mantém o utensílio e transmite esse saber para outras gerações. Ao aprender o indivíduo está fazendo uma assimilação.

As crianças assimilam as coisas imitando os outros e estando em contato com uma relação mediada pelo outro, assimilando conhecimentos e maneiras de viver em sociedade. Isso pode ser chamado de educação. A educação se dá em diferentes locais, de diferentes maneiras, sendo a escola uma instituição destinada a esse desenvolvimento. A educação é essencial para que os indivíduos consigam conviver uns com os outros em uma sociedade; é necessária a medida que possibilita a aprendizagem de conhecimentos; "o progresso da história é, portanto, impossível sem a transmissão

activa das aquisições da cultura humana às gerações novas, quer dizer, sem a educação" (LÉONTIEV, 1977, p.60).

O homem possui suas leis biológicas, entretanto, é na relação com o outro, no contato com a cultura e com os conhecimentos das gerações passadas que ele assimila maneiras de viver em determinada sociedade.

2.2. O desenvolvimento através da brincadeira

Mudado (2008), ao comentar os estudos de Vygotsky, afirma que "Vigotski não separa o mental do emocional e do fisiológico [...] Em outras palavras, é preciso entender o pensamento, mas também é preciso considerar os motivos de sua ação" (MUDADO, 2008, p.19). Desta forma, compreendem-se as ações dos sujeitos como um todo, não pode separá-las e segmentá-las. Cada fase da vida apresenta um grau de desenvolvimento humano e para Mudado (2008, p.19) "na idade pré-escolar, uma dessas atividades é a brincadeira que, mais tarde, será substituída pelo jogo com regras na idade escolar e passará a ocupar uma função parcial no contexto geral da educação e do desenvolvimento".

Assim, nota-se que a brincadeira é uma atividade que faz parte do desenvolvimento humano e, por isso, deve se fazer presente nos contextos educacionais; já que, através dela é possível aprender sobre si e sobre o mundo. Mudado (2008), abordando o tema do desenvolvimento humano, aponta para estudos realizados sobre a brincadeira com bebês e filhotes de animais e apresenta algumas diferenças identificadas pelos estudos:

Em primeiro lugar, o bebê humano é o mais "desprogramado" para a vida autônoma entre todos os filhotes do reino animal. São os adultos que sustentam a vida nesse período e são eles que devem garantir a criança condições para aquisição de habilidades e aptidões necessárias a vida. [...] Esse fator aponta para a extrema vulnerabilidade do ser humano e a importância da relação adulto-criança para bebê. (MUDADO, 2008, p.19).

A segunda diferença apontada pela autora é relacionada ao desenvolvimento de alguns órgãos (responsáveis pela visão e audição) e da ação motora que ocorre de maneira diferente dos animais. Nota-se que a mediação com a criança já se dá logo no seu nascimento e perpassa todas as etapas da vida, sendo de extrema importância. O ser

humano se constitui através do contato com o outro e é através dessa mediação que a criança é educada e inserida na sociedade.

Khishimoto (2010, p.1), ao tratar sobre a importância da brincadeira para a criança, afirma que ela é importante "porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar [...] usar o corpo, os sentidos, os movimentos [...]".

Ao brincar, as crianças criam situações pautadas no real; no que já vivenciaram e/ou conhecem. Ao brincar de boneca, por exemplo, a criança segura a boneca como já viu outra pessoa segurando, cuida da boneca como o adulto faz com o bebê. Mas, além disso, elas imaginam e inserem na brincadeira elementos e novos significados. "A "magia" da representação do papel do adulto no primeiro momento estimula a execução das ações; entretanto, as regras desse comportamento estão implícitas na representação do papel e não são conscientes para as crianças ainda" (MUDADO, 2008, p.21).

A brincadeira se faz presente na vida das crianças e através dela a criança conhece o mundo e interage com ele. Para Queiroz (2006, p.170) a brincadeira da criança "[...] vai se estruturando com base no que ela é capaz de fazer em cada momento". Assim, pode-se considerar que através da brincadeira as crianças manifestam o que já conhecem, sobre as suas vivências e expressam suas potencialidades.

Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto de práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo. [...] a partir da brincadeira, a criança constrói sua experiência de se relacionar com o mundo de maneira ativa, vivencia experiências de tomadas de decisões (QUEIROZ, 2006, p.170).

Nesse sentido, é notório que a brincadeira possibilita a criança interagir com os outros e com a sociedade e, desta forma, é imprescindível que se faça presente na vida das crianças em diferentes momentos. Moyles (2002), ao abordar a relação entre linguagem, brincadeira e desenvolvimento, fornece elementos de como o professor pode observar o desenvolvimento das crianças através da brincadeira;

A capacidade de uma criança verbalizar diretamente para um adulto raramente pode ser usada como um indicador de aprendizagem, mas freqüentemente se espera na escola que isso aconteça. Ao participar de uma situação lúdica em que as crianças brincam com e por meio da linguagem, os adultos podem obter esclarecimentos fascinantes do

desenvolvimento do pensamento e da aprendizagem da criança (MOYLES, 2002, p.53).

A partir da afirmação acima pode-se pensar sobre uma determinada educação; espera-se que a criança responda o que o professor questionou a fim de avaliar o seu aprendizado e desenvolvimento. Neste sentido, remete a uma educação tradicional, onde há necessidade de memorização de conhecimentos para "provar" ao professor o que se aprendeu.

Moyles (2002), ao considerar a importância de observar a brincadeira da criança, fornece indícios de possibilidades de percepção sobre aprendizagem e desenvolvimento da criança e assim, torna-se fundamental que o professor tenha a sensibilidade para conseguir observar esses momentos.

3. O PAPEL DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO E NA PROMOÇÃO DAS BRINCADEIRAS

Qual o papel do professor na mediação e na promoção das brincadeiras no contexto escolar? Sendo a brincadeira importante à aprendizagem e ao desenvolvimento, e considerando que esta deve estar inserida no contexto escolar, questiona-se sobre a mediação do professor. Será que este deve fornecer o caminho para as brincadeiras ou deve deixar sobre livre escolha das crianças? Com a presença do professor, as crianças brincam da mesma maneira ou isso interfere na interação das mesmas? O professor deve fazer parte da brincadeira? As crianças o convidam a participar? Girardello (2011, s/p) considera que:

A atitude dos adultos no ambiente em que a criança vive, assim, é outro fator de influência sobre a imaginação. O papel dos adultos como mediadores entre a criança e o ambiente físico e o clima social criados pela família ou pelas instituições educativas fazem diferença na qualidade da vida imaginativa dos pequenos.

Inserida em uma determinada cultura, a criança brinca e faz representações do real e das suas vivências, a brincadeira possibilita o conhecimento do sujeito enquanto partícipe da sociedade. Brincando, a criança exerce a troca de papéis, cria, imagina, conhece as regras e as cria também; reconhece o outro e a si mesmo enquanto sujeito, suas limitações e sentimentos. Nesse sentido a brincadeira se faz necessária na vida das crianças, assim como no cotidiano escolar e o professor é fundamental para fazer com que as crianças ampliem seus repertórios de imaginação e brincadeiras.

Considerando que `a infância é [...] um momento de apropriação de imagens e representações diversas que transitam por diferentes canais_ (BROUGÈRE, 1995, p.40), tem-se como necessário às crianças o experimento de diversas situações que propiciem a imaginação e a interação. A brincadeira pode ser considerada como um desses momentos em que a criança imagina, interage e expõe seus sentimentos, `na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação_ (BROUGÈRE, 1995, p.77).

A brincadeira, além de desenvolver a troca de papéis, desenvolve a imaginação, a representação e desenvolve, também, aprendizagens significativas aos indivíduos que brincam. Então, faz-se necessário que a brincadeira esteja presente em todo o contexto

educacional, não somente destinado a uma parte da vida da criança, pois "quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário" (KISHIMOTO, 2001, p.24). A brincadeira pode ser realizada com objetos e brinquedos ou sem eles, Vygotsky (2008, p.31) considera que "na brincadeira a criança opera com objetos como sendo coisas que possuem sentido, opera com os significados das palavras, que substituem os objetos [...]".

Nesse sentido, é necessário que a brincadeira se faça presente no trabalho pedagógico com crianças de maneira a favorecer o seu desenvolvimento e aprendizagem sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que vivem.

A brincadeira oferece às crianças uma ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e tomada de consciência: ações na esfera imaginativa, criação das intenções voluntárias, formação de planos da vida real, motivações intrínsecas e oportunidade de interação com o outro, que, sem dúvida contribuirão para o seu desenvolvimento (CASTRO; GOMES, 2010, s/p).

Esse trabalho aponta para a necessidade de os professores atuantes e os que estão ainda em formação tenham compreensão e fundamentação para inserir as brincadeiras em sua prática pedagógica não como preenchimento de tempo ou mero momento de prazer, mas enquanto atividade de possibilita o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. "É imprescindível a utilização de brincadeiras no meio pedagógico" (GUERRA; ROLIM; TASSIGNY, 2008, p.179).

Desta forma, cabe ao professor conhecer as brincadeiras e propiciar espaços e momentos para que elas aconteçam de maneira mediada, pois, conforme Guerra, Rolim e Tassigny (2008, p.180) "as atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças e entre as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento".

Destaca-se, assim, a importância da mediação do profissional com as crianças no sentido de potencializar as brincadeiras e promover espaços e conhecimentos sobre o novo. Essa afirmação vai ao encontro de Queiroz (2006, p.176) que afirma que "cabe ao professor, como adulto mais experiente, estimular brincadeiras, ordenar o espaço interno e externo da escola, facilitar a disposição dos brinquedos, mobiliário, e os demais elementos da sala de aula".

Cabe ressaltar que destaca-se o papel do professor na mediação das brincadeiras, entretanto, aponta-se para a compreensão de que mediar a brincadeira não é sempre

participar dela. É interessante, também, deixar que a criança brinque sozinha e descubra um pouco de si, do espaço, da presença do outro, da possibilidade de imaginação.

4. TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E A PRESENÇA (OU NÃO) DA BRINCADEIRA.

Ao abordar o tema transição da educação infantil para o ensino fundamental, Arce (2004) dialoga com autores e afirma que "tem-se aí um campo de batalha nitidamente demarcado: de um lado, entrincheirada, encontra-se a "pedagogia antiescolar" da educação infantil; do outro lado a pedagogia escolar do ensino básico e médio [...]" (ARCE, 2004, p.158). A educação infantil não possui um currículo explícito e se diferencia da educação escolar, entre outros aspectos, por trazer a brincadeira como um dos seus eixos principais de atuação.

A brincadeira na educação infantil está nitidamente atrelada a momentos livres, a satisfazer a vontade e a necessidade da criança com momentos "prazerosos", entretanto, de acordo com Arce (2004, p.159) "[...] o reconhecimento da importância da brincadeira como um mecanismo de aprendizagem da criança é muito importante para a educação dessa faixa etária, mas torná-la um sinônimo de prazer constitui-se em um reducionismo [...]". A brincadeira não pode ser considerada apenas como momento prazeroso, na brincadeira a criança vivencia momentos de descontentamento, frustração e fracasso. Entretanto, todos esses são, também, pontos fundamentais para que ocorram desenvolvimentos e aprendizagens da criança. A educação infantil está centrada na necessidade da criança, no interesse da mesma pelas coisas que a rodeiam. O professor, então, deve agir potencializando as capacidades das crianças e proporcionando momentos em que elas possam se desenvolver e conhecer o novo.

A brincadeira está muito presente na educação infantil, em contrapartida, ao chegarem aos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças quase não encontram momentos de brincadeiras. Ao abordar o tema brincadeira, Kishimoto (2010, p1) considera que "a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais". Assim, a relação com o outro é indispensável, e, se pensando no contexto escolar, é fundamental que o professor organize o espaço de maneira a favorecer as relações.

Ao pensar em brincadeira no contexto educacional, remete-nos a pensar sobre a hora do parque e as aulas de educação física (muitas vezes vista pelas crianças como um momento de lazer). Tem-se a necessidade de ressaltar a importância de a brincadeira fazer parte dos momentos de ensino e aprendizagem, como um elemento que possibilita

os mesmos. Francisco (2005, p.149) aponta para a questão do tempo que é destinado para a brincadeira; "a questão do tempo para brincar é hoje motivo de muita reflexão, que tem mostrado a preocupação tanto de professoras quanto de pais, pois atualmente a criança quase não dispõe mais de tempo para brincadeiras [...]".

A brincadeira e o brinquedo não trazem apenas satisfação para quem brinca; o brinquedo não é somente prazer e diversão, acaba trazendo frustrações para quem brinca. Considera-se que o brinquedo não é somente prazer porque outras atividades trazem mais prazer à criança que o brinquedo, além disso, em jogos competitivos, muitas crianças que brincam saem frustradas por perder. Outros diferentes jogos trazem a insatisfação, assim é totalmente errôneo considerar a brincadeira como momento de prazer e satisfação.

Vigotski (1998, p.122) apresenta o conceito de 'maturação da necessidade' afirmando que "a tendência de uma criança muito pequena é satisfazer o seu desejo imediatamente; normalmente, o intervalo entre um desejo e sua satisfação é extremamente curto". Entretanto, na medida em que as crianças crescem, começam a desejar coisas que não é possível satisfazer de imediato, assim, para suprir essa necessidade de satisfação elas criam um mundo próprio de imaginação e brincadeiras, conforme Vigotski (1998, p.122) "para resolver essa tenção, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo".

Assim, pode-se afirmar que o ato de brincar é permeado de imaginações criadas pelas crianças. Quando brinca a criança imagina e cria regras, por exemplo, ao brincar de carro, já existem regras de comportamento estabelecidas, as crianças trazem um pouco da realidade para a brincadeira, trazem suas vivências e traços culturais da sociedade onde vive.

O que restaria se o brinquedo fosse estruturado de tal maneira que não houvesse situações imaginárias? Restariam as regras. Sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras - não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto, a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta (VIGOTSKI, 1998, p.125).

A imaginação faz parte da vida das crianças e o brinquedo é fundamental para o seu desenvolvimento. Vigotski (1998) apresenta um estudo de Lewin sobre a motivação que os objetos causam nas crianças e exemplifica: "[...] uma porta solicita que a abram e

fechem, uma escada, que a subam, uma campainha, que a toquem" (p.126). Pode-se perceber que os objetos motivam as crianças a que os explorem, e estas acabam dando novo sentido aos objetos: um pedaço de madeira vira um cavalo-de-pau, uma caneta vira um avião, tudo isso devido à imaginação da criança. Mas cabe ressaltar que mesmo atribuindo um novo sentido ao objeto, este não perde sua essência, pois conforme o exemplo de Vigotski (1998, p.129) "qualquer cabo de vassoura pode ser um cavalo mas, por exemplo, um cartão postal não pode ser um cavalo para uma criança". A criança se utiliza do objeto dando-o um novo significado, entretanto ela enxerga esse objeto como tal, não perdendo suas características; ela utiliza sua imaginação para definir que aquele objeto é o que ela está querendo que ele seja. A criança utiliza o objeto ancorado em uma situação real, interligada a sua vivência e é através do brincar que ela se aproxima do que mais gosta de fazer, do que lhe dá satisfação e prazer.

Vigotski(1998, p.132), ao abordar o tema *ação e significado*, afirma que "as ações internas e externas são inseparáveis: a imaginação, a interpretação e a vontade são processos internos conduzidos pela ação externa". Ao brincar a criança gera um significado a sua ação e a ação da criança na brincadeira se dá de acordo com o que ela já vivenciou ou já conhece.

Assim, a brincadeira não é a única e principal atividade na vida da criança, mas notoriamente ela é fundamental para o seu desenvolvimento. Ao brincar a criança tem possibilidade de trazer ações do real, muitas vezes, ressignificando-as. A brincadeira desenvolve o imaginário da criança, através dela a criança atribui novos sentidos a diferentes objetos, mas, como ressalta Vigotski (1998, p.136), "Em um sentido, no brincar a criança é livre para determinar suas próprias ações. No entanto, em outro sentido, é uma liberdade ilusória, pois suas ações são, de fato, subordinadas aos significados dos objetos, e a criança age de acordo com eles". Vigotski (2008), abordando o tema brincadeira/satisfação, considera que a brincadeira não pode ser definida pelo princípio de satisfação devido a dois fatores a serem considerados:

Primeiramente porque há uma série de atividades que podem proporcionar à criança vivências de satisfação bem mais intensas do que a brincadeira. O princípio de satisfação é relacionado, igualmente, por exemplo, ao processo de sucção, pois chupar chupeta proporciona à criança uma satisfação funcional, mesmo quando ela não se sacia. Por outro lado, conhecemos brincadeiras em que o próprio processo de atividade também não proporciona satisfação [...] é o caso, por exemplo, dos jogos esportivos [...] (VIGOTSKI, 2008, p.24).

Nesse sentido, a brincadeira não pode ser considerada como sinônimo de prazer ou satisfação; não se pode defini-la desta maneira, pois, como aponta Vigotski existem outras atividades na vida da criança que proporcionam satisfação. Além disso, a brincadeira muitas vezes é frustrante para as crianças na medida em que existem regras, perdas, anseios, etc.

Gostaria de ressaltar que o reconhecimento da importância da brincadeira como um mecanismo de aprendizagem da criança é muito importante [...] mas torná-la como um sinônimo de prazer constitui-se em um reducionismo e em um processo de naturalização. Quando a importância da brincadeira na formação da criança centra-se na questão do prazer, o próprio significado social e histórico da brincadeira é secundarizado e torna-se desnecessário explicar de forma científica em que a brincadeira consiste, qual sua especificidade como atividade humana e por que ela é necessária ao desenvolvimento infantil (ARCE, 2004, p.159).

A brincadeira, além de estar atrelada ao imaginário, possui regras e estas muitas vezes são frustrantes para as crianças ou reinventadas por elas, mas, também, fundamental para que a brincadeira fique mais prazerosa e com mais sentido a elas.

Por fim destaca-se que a brincadeira é uma atividade presente na vida das crianças, independente de seu contexto social e econômico. Através dela as crianças manifestam seus sentimentos, emoções e, além disso, utilizam sua imaginação. É através do contato com o outro e pela mediação do adulto que a criança conhece o mundo em que vive e se relaciona com ele. Rossler e Soler (s/d, p.3) afirmam que "na infância pré-escolar a atividade dominante é a brincadeira. Ou seja, é por meio dela que aparecem e se diferenciam tipos novos de atividade [...]". Desta forma, através da brincadeira a criança se relaciona com os outros e com o espaço.

Castro e Gomes (2010) consideram a brincadeira como vital para as crianças. E ao dialogarem sobre a importância da brincadeira, consideram que

à medida que brinca, a criança vai se apropriando de suas potencialidades, construindo interiormente seu mundo. Aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporcionando seu desenvolvimento. Por isso o brincar é considerado um dos meios mais propícios à construção do conhecimento. Ele não contribui apenas no desenvolvimento cognitivo e psíquico, como também no nível motor, afetivo e social(CASTRO; GOMES, 2010, s/p).

Desta forma a criança, ao brincar, relaciona-se com o meio onde vive e com os outros. Através da brincadeira é possível conhecer a si mesmo e aos outros; conhecer

seus limites, seus anseios, entre outros. E, no contexto educacional, cabe ao professor promover momentos que possibilitem a imaginação das crianças e o contato com o novo e com os outros para que a brincadeira se faça ainda mais de maneira a desenvolver a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças em todas as etapas da educação escolar.

No estágio obrigatório do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, nos anos iniciais, foi possível notar a ausência da brincadeira no cotidiano dessas crianças. Ao iniciar meu estágio docente no 2º ano, logo nos primeiros dias de inserção ao campo de estágio, pude perceber a ausência da brincadeira. Antes, ao realizar o estágio na educação infantil, foi possível notar a presença da mesma em diversos momentos. Já nos anos iniciais do ensino fundamental, há um afastamento da brincadeira.

Nem mesmo o parque já não podiam mais freqüentar, visto que este é destinado somente às crianças da educação infantil. Essas crianças circulavam livremente entre as crianças do ensino fundamental e do ensino médio. Foi possível notar a brincadeira apenas no intervalo das aulas, entretanto, não era valorizada ou mediada por um profissional. Na sala de aula as brincadeiras e os brinquedos; que na educação infantil eram uma constante, agora se dá apenas nas aulas de educação física e artes.

Ao exercer a docência compartilhada, eu e minha parceira de estágio, contemplamos em nosso planejamento a brincadeira. Foi possível notar, em tão pouco tempo, o entusiasmo das crianças pelas brincadeiras. Por meio das brincadeiras foi possível perceber o envolvimento das crianças nas propostas e, também, uma maior interação entre elas. Percebi que o lúdico contribui para o desenvolvimento da criança de maneira mais significativa e proporciona a interação das crianças e dos espaços.

Ao inserir as brincadeiras, foi possível perceber a interação das crianças com as propostas de atividades planejadas. Além disso, a criança trazia elementos da brincadeira para as suas narrativas diárias. Através das brincadeiras, as crianças aprendiam sobre coisas novas.

Assim, é possível concluir que a brincadeira é um momento que instiga a criança a querer participar e, então, deve estar presente na prática pedagógica como suporte que possibilita o desenvolvimento das mesmas. Cabe ao professor ter um olhar sensível e atento para as crianças e, também, sobre sua prática diária. Além disso, ressalta-se que o professor tem um papel diretivo no sentido de apresentar novos conhecimentos e promover a assimilação dos mesmos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho foi importante para compreender a importância de a brincadeira estar inserida no contexto educacional. A metodologia utilizada para a realização do trabalho foi o levantamento bibliográfico de autores que discorrem sobre as brincadeiras, brinquedos, aprendizagens e desenvolvimentos e, ao realizar o levantamento bibliográfico, foi possível concluir que a brincadeira é uma atividade presente na vida das crianças e que através dela a criança interage com os outros e com o mundo a sua volta.

Após a realização do trabalho concluiu-se que a brincadeira deve se fazer presente em todas as etapas de ensino, não somente na educação infantil. Além disso, considera-se necessário que a brincadeira não ocorra somente em momentos destinados ao lazer e/ou vinculada às aulas de educação física; a brincadeira deve se fazer presente em diferentes momentos do cotidiano escolar a fim de possibilitar às crianças experiências e momentos que propiciam a aprendizagem e o desenvolvimento das mesmas. É fundamental que o professor possibilite a organização do espaço e possibilite, também, experiências que proporcionem a brincadeira e, conseqüentemente aprendizagens. Moyles (2002, p.57), ao tratar sobre o tema brincadeira e desenvolvimento da linguagem, traz indícios de como os professores devem atuar:

devemos oferecer uma variedade de situações e inovações dentro da sala de aula, que permitam diferentes oportunidades para as crianças e, mais importante, temos de assegurar que cada criança tenha a oportunidade de explorar adequadamente um novo meio ou situação - e isso significa tentar explorar as experiências com palavras, assim como por meio do brincar ativo.

Dessa forma, concluiu-se que é necessário que o professor esteja sempre atento a novos repertórios de conhecimentos e brincadeiras para proporcionar essas experiências às crianças. O professor deve estar em constante formação e frequentemente em contato com diferentes tipos de brincadeiras e possibilidades de brincar para, então, ampliar o repertório das crianças.

O professor também pode brincar com as crianças, principalmente se elas o convidarem, solicitando sua participação ou intervenção. Mas deve procurar ter o máximo de cuidado respeitando sua brincadeira e ritmo; sem dúvida, esta forma de intervenção é delicada, por ser difícil o adulto participar da brincadeira sem destruí-la; é preciso muita sensibilidade [...] (QUEIROZ, 2006, p.177).

Considero a afirmação acima como ponto fundamental a ser compreendido pelo professor. Ter a sensibilidade de compreender a brincadeira da criança e qual o momento de interferi-la ou não é muito importante. O profissional que atua no contexto educacional deve estar atento para as brincadeiras, para a fala das crianças e suas manifestações. Através das falas das crianças na brincadeira é possível notar o desenvolvimento das mesmas, além de manifestações sobre seus sentimentos e emoções. Estar atento às brincadeiras é, então, fundamental na prática educativa.

Além de estar sempre conhecendo novos repertórios e conhecimentos, cabe ao professor organizar o espaço constantemente a fim de, através dele, possibilitar a relação das crianças com o outro e com o espaço. Além de organizar o espaço, conclui-se que o espaço deve ser reorganizado com frequência, pois ao reorganizar o espaço, o professor está disponibilizando novas formas de interações com o ambiente.

A brincadeira permite que a criança imagine e recrie situações do real, do seu cotidiano. Khishimoto (2009, p.66) afirma que:

Crianças que vivem em ambientes perigosos repetem suas experiências de perigo em suas brincadeiras. Por exemplo: no Brasil, crianças que vivem nas favelas onde predomina a luta entre policiais e bandidos têm como tema preferido de suas brincadeiras esses conflitos.

A situação descrita acima por Khishimoto pôde ser observada nos estágios obrigatórios que realizei em instituições da cidade de Florianópolis. Considera-se que o momento não é destinado a expor as situações ocorridas, mas destaca-se que a presença das brincadeiras estavam atreladas ao contexto dessas crianças.

Ao realizar levantamento bibliográfico sobre autores que abordam o tema desenvolvimento infantil e brincadeira, foi possível concluir que na brincadeira as crianças expressam o que já conhecem; o que vivenciam, mas também atuam de maneira com o que se espera para determinada faixa etária. De acordo com Queiroz (2006, p.170);

como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto é, ela aos seis meses e os três anos de idade tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida.

Assim, através da brincadeira é possível notar a presença ou não do desenvolvimento da criança; conclui-se, então, que a brincadeira é uma forte aliada à aprendizagens das crianças e, portanto, deve estar inserida no contexto educacional.

Ao manipular um objeto, a criança atribui a ele novos sentidos, assim, o professor deve estar sempre apresentando o novo para as crianças a fim de fazer com que interajam com outros objetos e ampliem seus conhecimentos.

Concluo meu trabalho apontando para a necessidade de compreensão, principalmente para os profissionais da educação, sobre a brincadeira atrelada ao prazer. Brincadeira não é só prazer para quem brinca, não é apenas satisfação. Na brincadeira as crianças vivenciam etapas de angústia, perda, medo, insegurança, etc.

Ao realizar o levantamento bibliográfico, considerei necessário abordar o tema desenvolvimento humano e assim, concluo que o que diferencia o homem do animal é a capacidade de realizar atividades criativas; "[...] o que caracteriza a atividade humana é o emprego de instrumentos, signos ou ferramentas, que lhe dão caráter mediado" (QUEIROZ, 2006, p.171). Além disso, os humanos conseguem passar conhecimentos e descobertas de geração em geração e torna-se possível a educação. "O homem enquanto sujeito é capaz de transformar sua própria história e a da humanidade, uma vez que por seu intermédio muda o contexto social em que se insere, ao mesmo tempo em que é modificado" (QUEIROZ, 2006, p.171).

A educação permite ao indivíduo aprender sobre práticas e conhecimentos adquiridos durante os anos por gerações passadas; dessa forma, se faz presente na vida das crianças, em geral, formal e informalmente.

A transição da educação infantil para o ensino fundamental é questionado por mim na medida em que a brincadeira se faz presente na educação infantil, mas vai perdendo espaço no ensino fundamental. No estágio obrigatório nos anos iniciais da educação básica foi possível notar a falta da presença da brincadeira em momentos de aprendizagem. A brincadeira era fornecida como mérito às crianças que respeitassem as aulas e fizessem o que lhes era solicitado.

Ao planejar as propostas que faríamos com as crianças e inserir a brincadeira, estas foram bem aceitas e praticadas pelas crianças que, muitas vezes não tinham a consciência sobre o aprendizado, mas, ao passar dos dias, elas relacionavam as brincadeiras com alguns temas abordados. A brincadeira deve estar presente na vida da criança como momento valorizado ao desenvolvimento e ao aprendizado, não somente em momentos de lazer e tempo livre. Ressalta-se a compreensão sobre a diferença entre

brincadeiras e jogos pedagógicos, entretanto, haveria a necessidade de outro momento para discutir sobre o tema, já que, abarca discussões acerca do que é ou não pedagógico.

Arce (2004, p.154) apresenta características do pensamento dos defensores da Pedagogia da Infância, dos quais discorda, e afirma que essas características pretendem se contrapor à educação tradicional. Um dos focos da pedagogia da infância é trazer o lúdico como eixo central da prática pedagógica. Nesse sentido, a conclusão do presente trabalho que considera que a brincadeira deve estar mais presente em práticas educacionais com crianças de diferentes idades, inclusive no ensino fundamental não considera apenas o aspecto da ludicidade ou do prazer, mas a inserção do brincar no processo de desenvolvimento humano, como componente das atividades educativas na infância.

Assim, concluo o meu trabalho apontando a brincadeira como fundamental ao desenvolvimento das crianças, mas, para ser fundamental, ela precisa acontecer e ser vista pelo seu todo, não somente como prazer e satisfação ou como hora de ócio e lazer. Além disso, aponto para a necessidade de o professor conhecer a importância da brincadeira e ter esta, como eixo da sua prática pedagógica, a fim de criar momentos estimulantes a aprendizagem e ao desenvolvimento.

Dessa forma, a organização do espaço, a relação com o outro e com o espaço onde a criança está inserida e, também, o acesso ao novo; são elementos fundamentais que o professor deve planejar e pesquisar a fim de possibilitar novas experiências às crianças. Os estágios obrigatórios do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina foram fundamentais para compreender a necessidade de a brincadeira estar inserida no contexto escolar.

Através do estágio obrigatório na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental pude notar que a brincadeira se faz muito presente na educação infantil, entretanto, falta sua presença nos anos iniciais. Ao me deparar com a turma dos anos iniciais em que estagiei foi possível notar a exigência por parte dos professores de que as crianças ficassem sentadas nas carteiras. As brincadeiras ocorriam nos intervalos diários e, sem a mediação do professor.

Assim, concluo meu trabalho apontando para a necessidade de a brincadeira se fazer presente no contexto educacional das crianças em todas as etapas de ensino, não somente como momento de lazer, mas, também e, principalmente, como momento em que a aprendizagem é possível.

6. REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. Pedagogia da Infância ou Fetichismo da infância? In: NEWTON, Duarte (org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas, SP: Autores Associados 2004.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 5. ed. São Paulo, 2001, p.57-71.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

CARMO, Clayton; MARCONDES, Keila. *O brincar no ensino fundamental de nove anos: reflexões sobre as expectativas de aprendizagem da secretaria de educação do estado de São Paulo*. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2011/Educere2011BrincarSSP.pdf>. Data de acesso: 07 de maio de 2014.

CASTRO, Genivaldo Macário de; GOMES, Tiago Pereira. *Brincar e desenvolvimento infantil: uma análise reflexiva*. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. 2010. Disponível em <<http://www.ufpi.br/ppged/index/pagina/id/4066>>, acessado em 07 de maio de 2014.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FANTIN, Mônica. *No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FRANCISCO, Zenilda Ferreira. *"Zé, tá pertinho de ir pro parque?" O tempo e o espaço do parque em uma instituição de educação infantil*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GIRARDELLO, Gilka. *Imaginação: arte e ciência na infância*. *Revista Pro-Posições* (UNICAMP), v. 22, n.02, 2011. Texto disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072011000200007&lng=pt&nrm=iso. Último acesso: (16 de dezembro de 2012).

GUERRA, Siena; Rolim, Amanda; Tassigny, Mônica. *Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil*. Ver. *Humanidades*, Fortaleza, v.23, n.2, p.176-180, 2008.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - perspectivas atuais*. belo horizonte, novembro de 2010.

LÉONTIEVS, Alexis. O homem e a cultura. In: *Desporto e desenvolvimento humano*. Tradutor: Maria da Graça Moraes Sarmiento. Seara Nova, Lisboa, 1977.

MARANHÃO, Diva. *Ensinar Brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira*. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

MOYLES, Janer. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Artmed, 2002.

MUDADO, Tereza. A brincadeira como educação da vontade: cumprir as regras é a fonte de satisfação. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/RevistaVirtualDeGestaoDeIniciativas%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/RevistaVirtualDeGestaoDeIniciativas%20(1).pdf) Acessado em 7 de maio de 2014.

OTTO, Clarícia. *Nos Rastros da Memória*. 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

QUEIROZ, Norma. *Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista*. Paidéia, 2006, p.169-179.

ROSSLER, João Henrique; SOLER, Vanessa Tramontin da. *O papel da brincadeira no desenvolvimento do psiquismo infantil a partir da Psicologia Histórico Cultural*. In: Anais do Congresso Internacionl de Saúde Mental. S/d. Disponível em <<http://anais.unicentro.br/cis/pdf/iv1n1/58.pdf>>, acessado em 07 de maio de 2014.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e seu papel psíquico no desenvolvimento da criança. In: *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. Laboratório de tecnologia e Desenvolvimento Social (Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ). P. 23-34, junho de 2008.

VIGOTSKI, L. S. *Formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.